Alunos da OCDE voltam a piorar e em Portugal regrediu-se 20 anos a Matemática e a Leitura

PÚBLICO, Andreia Sanches, 8 de setembro de 2026

Após quebra sem paralelo na pandemia, novo PISA, o grande estudo da OCDE, mostra deterioração generalizada de competências, sobretudo a Leitura. Em Portugal, perdas equivalem a ano e meio de escola.

(...)

O ano de 2015, quando Portugal atingiu os melhores resultados de sempre, parece, assim, distante. Vale a pena recordar algumas mudanças. Em 2016 acabaram os exames do 4.º e 6.º anos. A partir de 2018 começaram a entrar em vigor novas aprendizagens essenciais (referenciais de aprendizagem e avaliação dos alunos), que estão neste momento a ser revistas. Agravou-se a falta de professores. Aumentaram os imigrantes — sendo que em Portugal, como no resto dos países, estes alunos têm especiais dificuldades. Em 2025, 39 pontos separam os imigrantes dos não-imigrantes, um hiato que é ainda maior (43 pontos) na OCDE.

Reforçou-se a digitalização (o número de horas usadas pelos portugueses a trabalhar com aparelhos digitais na escola é ligeiramente inferior ao da OCDE, 1,4 horas). E a pandemia obrigou a pôr em marcha um plano de recuperação das aprendizagens.

Sobre a relação dos alunos com a escola, há sinais contraditórios: mais alunos acham a escola aborrecida, mas os portugueses continuam a ser dos que se sentem mais apoiados pelos professores. Significativa é a "descida substancial" do apoio dos pais que é percepcionado pelos portugueses.

Leitura preocupa, rapazes caem a pique

Mas é a própria OCDE que o diz: não há nem relações de causalidade directa, nem respostas simples para o que se está a passar nos países que pioraram ou simplesmente estagnaram. O desafio é que governos e académicos analisem estes dados e tirem conclusões. Mas a Leitura, desde já, causa especial preocupação à OCDE. "Registam-se descidas acentuadas e significativas nas taxas de sucesso em tarefas que são das mais essenciais no actual mundo da inteligência artificial: competências como avaliar informação, reflectir de forma crítica e integrar múltiplas evidências, que exigem uma leitura atenta e uma capacidade sustentada de concentração."

Duplicaram também os casos de "leitura precipitada", em que os alunos dão respostas rápidas, mas incorrectas.

As diferenças de género mantêm-se estáveis a Matemática (rapazes têm mais 13 pontos do que as raparigas, uma diferença de 11 pontos em Portugal) e a Ciências (raparigas em linha com os rapazes na OCDE e em Portugal), mas acentuaram-se na Leitura, precisamente (30 pontos separam os dois géneros na OCDE), e em especial em Portugal. Desde a última edição, o desempenho dos rapazes portugueses caiu 21 pontos, o das raparigas apenas oito, e há agora 33 pontos de diferença entre uns e outros.

É provável que estas tendências na Leitura sejam explicadas por "uma combinação de factores", continua Schleicher. "Entre eles encontram-se a mudança na forma como se lê devido à digitalização e ao uso de ecrãs, que poderão estar a substituir tempo anteriormente dedicado a leituras mais aprofundadas; a diminuição das taxas de leitura por prazer; a alteração das atitudes face à aprendizagem e à escola desde a pandemia."

Muito dinheiro não compra sucesso

Certo é que "o mundo já não está dividido entre nações ricas e bem instruídas e nações pobres e mal instruídas: a riqueza nacional explica apenas metade da variação no desempenho dos países".

"Boas políticas e escolhas sensatas de investimento são preditores muito mais fortes do desempenho no PISA do que simplesmente o montante que os países gastam por aluno. Com 288.521 dólares por aluno [gastos acumulados entre os seis e os 15 anos, expressos em paridade de poder de compra], o Luxemburgo é, de longe, o que mais investe na educação, mas obteve pontuações médias em Ciências inferiores às da Irlanda, França e Itália" ou a Portugal, onde se investe menos de metade.

E há ainda o desafio da equidade. "Os dados do PISA mostram que, em média, os alunos socioeconomicamente mais favorecidos superam os seus pares mais desfavorecidos em todos os domínios. Em Ciências, a diferença média entre os dois grupos é de uns expressivos 85 pontos. Em seis países da OCDE — Luxemburgo, Alemanha, República Eslovaca, Países Baixos, Hungria e França —, essa diferença atinge ou ultrapassa os 100 pontos."

Em Portugal, o peso do estatuto económico resiste, e é imenso. Os alunos mais pobres ficam 92 pontos abaixo dos mais favorecidos a Ciências. Na Matemática, a diferença é de 93 pontos. Quase dois quintos (39% em Portugal, contra 37% na OCDE) não atingem tão-pouco o nível 2 de proficiência em Ciências, contra apenas 6% dos alunos mais favorecidos.

(...)

https://www.publico.pt/2026/09/08/sociedade/noticia/alunos-ocde-voltam-piorar-portugal-regrediuse-20-anos-matematica-leitura-2187133